Ano XI — Lisboa, Outubro de 1955 — N.º 126

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50
Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

TEMPO DE BALANÇO

Todos os anos, no fim do exercício económico, os homens de negócios dedicam uns dias a realizar um exame consciencioso das suas actividades comerciais, industriais ou financeiras. Toda a história económica registada nos livros de contabilidade, é resumida e reflectida num documento muito importante, chamado «balanço». O estudo inteligente desse balanço diz-lhes se o seu negócio está bem orientado, se produz benefícios ou, se causa perdas, onde estão os pontos fracos e as bases fortes do mesmo. É o momento de corrigir defeitos, de polir acertos, de acentuar tendências ou de variar de rumo, para que o negócio marche cada vez melhor.

* * *

A vida do escotismo também se desenvolve em ciclos anuais, também tem uma época de «fecho de exercício», ainda que este não coincida com o ano económico. A nossa «ronda solar» inicia-se nos meses de Outubro ou Novembro, e acaba com os acampamentos de verão, em Agosto-Setembro. É então o momento apropriado para fazer o balanço das nossas actividades, para saber se estamos no bom caminho, se temos progredido, ou se temos perdido o tempo.

Estamos, pois, antes de começar um novo ano, em plena época de balanço. Este é o momento de analisar o que ficou para trás, sacar experiências e conclusões dessa análise, fazer planos para a nova ronda solar. É algo que todos devemos fazer. Porque não são só os Chefes aqueles que têm necessidade de fazer balanço. Eles desde já; porém, também tu, alegre Lobito, e tu, simpático Escoteiro; e também tu, Cavaleiro do Serviço que te mostras orgulhoso do teu ideal Caminheiro.

Indubitàvelmente há bastante diferença entre o balanço de um Lobito e o de um Chefe Regional, por exemplo. Diferença material, ainda que não moral.

Para ti, Lobito, é muito simples. Talvez seja bastante que formules estas perguntas: Cumpri a Lei da Alcateia? Tenho-me divertido? Fui leal nos jogos? Tenho sido bom aluno, bom filho? Quantas estrelas, quantas insígnias obtive? Pois para o novo ano lectivo, não esqueças, tens de ser melhor ainda.

Tu, Escoteiro, já fizeste o Compromisso de Honra. Já és um Cavaleiro, um bravo guerreiro do ideal. Deves pois ser um pouco mais exigente contigo próprio. Fizeste honra à Lei e à Promessa? Foste um «elemento forte» na tua Patrulha? Esqueceste a B. A.? Saíste mais de 30 vezes ao campo? Mereceste deveras a tua nova estrela de serviço? Quantas insígnias de capacidade ganhaste? Esquivaste-te a algum trabalho? Como cumpres no teu lar, na tua escola, no teu ofício? Satisfeito contigo mesmo? Decidido a actuar ainda melhor no próximo ano? Pois adiante e boa senda.

Irmão Caminheiro, tu já és um homem, porém um homem especial precisamente pela tua qualidade de Caminheiro. O teu balanço é sério, porque séria é a tua alegre missão na vida. Quase melhor é que tu sòzinho faças uma nova «noite de velada de armas», tal como quando foste investido Caminheiro Activo. Ainda é bom tempo para acampar (e certamente nós, os Caminheiros, acampamos em toda a época). Toma «a tua tenda, a tua marmita, a tua manta e a tua liberdade», tal como aconselhava B.-P., e vai-te um sábado pela tarde ao campo. Sòzinho. Monta o teu acampamento em qualquer tranquilo lugar e, pela noite,

(Conclui na 2.ª página)

Três rapazes escoteiros

colaboraram com os bombeiros no ataque ao fogo da Praça da Alegria.

Dois escoteiros e um aspirante tomaram parte no ataque ao incêndio ocorrido há semanas num depósito de filmes na Praça da Alegria.

O caso foi-nos contado pelo José Francisco Próspero, um escoteiro do Grupo n.º 7, da seguinte maneira:

—O nosso grupo tinha efectuado um acampamento em Carcavelos e eu e o meu irmão Henrique e ainda o aspirante Augusto, como não podíamos ir para o campo com os restantes escoteiros, dirigíamo-nos para lá ao anoitecer.

«Quando passávamos no eléctrico, notámos, para os lados da Praça da Alegria, um grande clarão. Cheios de curiosidade, fomos ver o que havia. Soubemos então tratar-se de um incêndio próximo daquela praça.

«Enquanto o Augusto ficou a guardar as mochilas, nós fomos oferecer os nossos préstimos aos bombeiros que atacavam o fogo.

—E foram aceitos?—perguntámos.

—Pois decerto.

—E em que serviços estiveram a trabalhar?

— Eles mandaram-nos enrolar as mangueiras e iluminar com lanternas os trabalhos que estavam a fazer. Retirámos muitas caixas de filmes do depósito onde se deu o incêndio. Eu e o meu irmão vimos dois homens que estavam com um princípio de intoxicação e conduzimo-los ao posto de socorros dos Bombeiros Voluntários da Ajuda.

—Muito bem, isso prova um grande espírito de iniciativa e de bem servir da vossa parte. Foram depois para o acampamento não é verdade?

—Não, não. Quando os trabalhos terminaram eram já duas ho-

(Conclui na 2.ª página)



A Voz do Chefe

PORQUÊ GUIAS?

Quando se fala de guias na Europa, pensa-se naturalmente nos montanheses da Suíça e de outros países que, pela sua bravura, pela sua habilidade em superar os obstáculos, pela ajuda que prestam aos seus companheiros e por sua resistência física, podem guiar os turistas nas ascensões perigosas. São belos tipos, física e moralmente, estes guias. Todavia, se se lhes pedir para andar na planície o mesmo número de quilómetros que andam na montanha, não lhes interessaria, porque não poderiam demonstrar as mesmas qualidades que apresentam quando operam na montanha. Isso deixá-los-ia indiferentes, porque não há melhor encanto para eles do que passar pelos caminhos batidos. O maior interesse da sua vida é encontrar-se, frente a frente, com perigosas dificuldades, vencê-las, e para terminar, alcançar o cume da montanha que desejavam conquistar.

Pois bem, creio que este é o caso actual da maioria das nossas jovens. Elas não querem ficar inactivas, não pedem que tudo lhes seja facilitado, não querem simplesmente atravessar a planície. Elas gostam mais de se mostrar pessoas activas, com as quais se pode contar, solícitas e prontas, se for necessário, a sacrificar-se tanto como os guias da fronteira NE da Índia. Elas ambicionam igualmente a superar os obstáculos da sua vida, aspiram afrontar as montanhas, as contrariedades, os perigos, e para vencê-los preparam-se para ser ágeis e fortes. Esperam também ajudar os outros nos momentos difíceis. E só quando chegam ao seu fim, se sentem verdadeiramente alegres e triunfantes. É uma grande satisfação para elas ter sobressaído no seu empenho e ter ajudado outros a vencer as suas dificuldades. É isto que as Guias querem realizar e nisso parecem-se com os guias das montanhas.

Além disso, uma mulher que é capaz de se lançar adiante, é respeitada igualmente pelos homens assim como pelas mulheres. Todos estão sempre prontos a seguir os seus conselhos e o seu exemplo, ela é uma Guia. Mais tarde, se tem filhos ou educa jovens, será verdadeiramente uma guia para eles.

As Guias aprendem, por meio dos seus jogos e das suas actividades, tudo aquilo que lhes será útil na vida, e bem como a forma de indicar o caminho aos outros. Assim os acampamentos, as pistas, os primeiros socorros, a cozinha do acampamento e todos os outros trabalhos, farão delas mulheres fortes, cheias de engenhosidade e de recursos, fortes tanto de corpo como de espírito. Melhor ainda, isso fará um grupo de alegres camaradas.

BADEN-POWELL

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

TEMPO DE BALANÇO

(Conclusão da 1.ª página)

junto ao fogo, medita durante um par de horas. Faz balanço do ano transcorrido e projecta para o próximo como poderás SERVIR melhor a Deus, à tua Pátria, ao Escotismo, a ti mesmo. Anima-te e que tenhas um bom acampamento.

A ti, Chefe de qualquer categoria ou amplitude, não quero dizer-te nada, não posso trazer-te uma sugestão concreta. Quero crer, devo crer, que todos aqueles que aceitaram a enorme responsabilidade de canalizar a juventude pelo caminho escotista, sabem o importante que é deter-se de quando em quando para deitar uma mirada atrás, sobre o caminho percorrido, e, comprovada a sua situação do momento, marcar o novo rumo a seguir. Quero crer que todos fazemos isto antes de iniciar um novo curso escoteiro e que, ao examinar o nosso balanço, somos sinceros connosco próprios. É o leal. O contrário seria imperdoável. Seria atraiçoar a confiança que muitas pessoas e organismos têm depositado em nós, e, sobretudo, destroçar a fé que os rapazes que nos são confiados têm na nossa capacidade, no nosso labor e na nossa lealdade.

Sim, este é o momento do balanço, de analisar o passado e traçar um claro e firme rumo futuro, que nos leve até à perfeição.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

Mais outro escoteiro que perde a vida ao salvar a de outra pessoa

Ainda no nosso último número noticiámos a morte de um escoteiro ao salvar de morrer afogado um rapazinho e temos já a juntar à triste lista o nome de Perpétuo de Carvalho, um escoteiro de Évora, que pereceu em idênticas circunstâncias.

A chefe de alcateia D. Maria Eduarda da Silva Graça tomava banho no rio Mira, próximo de Vila Nova de Milfontes, quando em certa altura esta senhora foi levada pela corrente e gritou por socorro. O escoteiro Perpétuo de Carvalho dispôs-se imediatamente a socorrê-la nadando para o local e retirando-a da crítica situação em que se encontrava. Porém, parece que devido a congestão, foi arrastado pelas águas, desaparecendo.

O cumprimento do dever envolve, muitas vezes, grande responsabilidade e, até, como neste caso, o sacrifício da própria vida.

«Sempre Pronto», perante um gesto tão abnegado, curva-se pungentemente ante a memória deste verdadeiro escoteiro que morreu na senda da Boa-acção e no cumprimento do seu dever.

• • o • •

Confraternização de antigos-escoteiros

Uma Comissão de Antigos Escoteiros do Grupo n.º 2 vai promover um almoço de confraternização a realizar em Dezembro próximo, por ocasião do aniversário daquele antigo grupo. Esta Comissão pede a todos os antigos membros daquele grupo para lhe darem a sua adesão, dirigindo-se a Eduardo Quintino, Rua da Prata, n.º 141-2.º em Lisboa, por escrito ou pelo telefone. 36 73 73.

A Comissão pede aos antigos escoteiros residentes na província ou nos territórios ultramarinos para enviarem mensagens para a mesma morada, mensagens que serão lidas na grande reunião de confraternização.

Três rapazes escoteiros

(Conclusão da 1.ª página)

ras da noite, portanto, muito tarde para nos deslocarmos para Carcavelos. Por isso, regressámos à sede do nosso grupo, onde passámos a noite, dirigindo-nos no outro dia de manhã para o acampamento.

Mais uma vez os escoteiros demonstraram o seu espírito de serviço. Estes dois rapazes, apesar de ainda bastante novos, provaram que podem ser úteis, ainda nas piores circunstâncias. «Sempre Pronto» saúda-os com amizade, fazendo votos de que sempre dêem provas do seu espírito escoteiro, como nesta ocorrência.



Dos nossos irmãos inferiores

SOFIA

Era uma gata parda que se chamava «Sofia» e que, excepto o nome, nada tinha de particular. Porque é preciso reconhecer que Sofia já não é um nome vulgar entre os humanos, quanto mais entre os gatos!

Vivia a nossa gata com uma velhinha, numa dessas águas-furtadas que também já tanto vão escasseando. Era uma desconjuntada água-furtada, de cuja única janela se inclinava a graça plebeia de uns gerânios sobre o vermelho das telhas desgastadas que, naquela antiga parte na cidade, cobriam as sórdidas casinhotas.

A velhinha de «Sofia» era igual a todas as velhinhas com gato que povoam a terra. A profunda tristeza dos seus dias passava-se entre o recanto do mísero lar onde fervia sempre um tachito com leite fresco e o recanto onde ardia continuadamente uma pobre lâmpada que iluminava o beatífico rosto dos milagrosos santos ou dos queridos mortos da velhinha. Às vezes, fazia uma paragem entre os dois cantos a pôr um laço cor de rosa, destingido e desfiado, na boa da «Sofia», a qual marchava ufana a mostrá-lo aos telhados, à Lua...

* * *

Mas o relógio da dita tem horas certas. Um dia, a velhinha de «Sofia» não abandonou o leito pelo seu próprio pé. Uns homens desconhecidos e mal arranjados apareceram na água-furtada e levaram-na para sempre, deixando a «Sofia» com uma estranha frieza no coração, cheio de amargos pressentimentos.

«Sofia» esperou toda a noite a volta da sua dona. Só quando a luz de prata, fantasmagórica e fria do amanhecer lhe falou da morte é que «Sofia» compreendeu o sucedido e deixou de esperar. Abandonou a água-furtada e internou-se na cidade só com a bagagem da sua mágoa e desolação.

Depois de andar pelas calçadas, sujas e míseras, daquele bairro onde até então haviam decorrido os seus felizes dias; depois de farejar enormes montões de imundícies, marcos do seu êxodo, onde a petizada esfarrapada tão depressa se perseguia com alegres gritos como se insultava no mais desenfadado e livre dos idiomas, achou-se «Sofia» na parte nova da cidade, com muito menos contratempos do que esperava encontrar e à hora de um rápido crepúsculo de um adiantado Outono, que anunciava a noite próxima, porém não uma plácida e serena noite, como aquelas em que «Sofia» percorria os telhados, mas fria e tempestuosa, de chuva abundante e persistente, que surpreendeu «Sofia» debaixo do modesto amparo que um simples degrau de um portal, já fechado, lhe oferecia.

A nossa gata, até então relativamente tranquila, começou a inquietar-se verdadeiramente quando no seu entristecido coração ressoou toda a solidão imensa da escura rua e da noite chuvosa. Por conseguinte, decidiu tratar imediatamente do seu futuro e, a custo de um pequeno resto de astúcia, acalmou um tanto o seu espírito com a mais alegre e inocente das confianças: esperaria que amanhecesse e entraria em casa de qualquer «irmão-homem»; acompanhá-lo-ia quando estivesse triste e só, far-lhe-ia ronrom para alegrá-lo e, enfim, viveria com ele como até então.

Estava ela nestes cálidos pensamentos, já quando o brilhante e sedoso pêlo da nossa heroína estava ensopado por todas as partes, desvaneceu-se o silêncio da rua com o forte chape-chape que as pisadas de um «irmão-homem» produziam em cada charco. «Sofia» estremeceu de alegria. Já não teria que esperar mais tempo! A manhã viesse quando lhe apetecesse!...

Mas qual não foi a sua dolorosa surpresa quando, ao primeiro intento de aproximação do «irmão-homem», se sentiu «Sofia» lançada pelos ares, por obra e graça de uma patada com que o «irmão-homem» a regalara.

Maltratada e dorida, levantou-se «Sofia», bufando de terror, do enlameado charco onde fora terminar a sua acidentada viagem; e tremendo de raiva e de pena, dispôs-se a caminhar de novo em busca de lugar mais hospitaleiro. Todavia, ainda não havia começado a pôr em prática as suas ideias de marchar, quando topou com o brilho inquietante de uns olhos verdes que, cheios de zombaria, a miravam da obscuridade, carregados de estranhas sugestões.

De que riam e o que lhe pediam aqueles olhos? Depressa a espancada e ingénua «Sofia» sentiu satisfeita a sua curiosidade. Aquelas misteriosas pupilas pertenciam a um jovem e formoso gato preto que, depois de pôr o amparo do seu lustroso lombo junto ao da nossa gata, a convidou por meio de um profundo ronronar a que o seguisse, não sem dar-lhe antes explicações a respeito daquele bom-humor que vira brilhar em seus olhos: A quem lembraria buscar amparo no «irmão-homem»? Que gato, zeloso da sua dignidade, o faria? Estava visto: ela era jovem e inexperiente!... E tremendo-lhe de riso a emplumada cauda ao lembrar-se do trambulhão de «Sofia», o jovem e formoso gato conduziu-a até ao abrigado e escondido refúgio que possuía no ponto mais recôndito do frondoso parque. E quando, fazendo uma bola e muito juntos, os nossos gatos dormiam aquela noite, já sabia «Sofia» muitas coisas a respeito do mundo em que vivia. Uma dessas coisas era a de que jamais voltaria a acercar-se do «irmão-homem»; que viveria sòzinha, sem que mãos humanas a mimassem e nem que vozes humanas a chamassem com acento de alegria. Só, com a única companhia dos seus pensamentos e a do seu jovem, formoso e selvático companheiro.

* * *

Mas teria existido «Sofia»? Pois olhem todos: eu entendo pouco de gatos, porém, parece-me que não. Que gato seria capaz de ir buscar um amo? São seres selvagens e insociáveis os gatos. Demais, têm um particularíssimo e pessoal sentido do humor: estão sempre, sempre a rir-em-se de nós: e se conseguem fazer-nos cair no ridículo, vão-se, cheios de gozo e a ruminar selvagens pensamentos, para qualquer canto da casa, de onde nos miram surrateiros, com olhos cheios de zombaria...

Não, não creio que «Sofia» tenha existido. Contudo... verdadeiramente, quem o sabe?

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ de AYALA

Intercâmbio por correspondência

Temos em nosso poder cartas de escoteiros brasileiros que nos pedem correspondentes em Portugal, desejando alguns deles estabelecer permutas de insígnias, postais e literatura. Os interessados devem dirigir-se à Redacção deste jornal. Um dos pedidos dá a preferência a um ou a uma chefe de lobitos.

DOS AÇORES

Primeiro Acampamento Regional dos Açores

No Monte Queimado, perto da cidade da Horta, na ilha do Faial, realizou-se nos dias 14 a 16 de Agosto passado este acampamento dos Escoteiros de Portugal, no qual participaram 17 escoteiros do Grupo 80 de Ponta Delgada, 22 do Grupo 52 de Angra do Heroísmo, 7 do Grupo 45, em organização, da Horta, bem como um Caminheiro do Grupo das Lajes do C. N. E.

Os contingentes dos grupos 52 e 80, que viajaram no iate «Santo Amaro», eram aguardados, no domingo, na Horta, pelo chefe e escoteiros do grupo local, bem como por muitos simpatizantes do Movimento.

Gentis madrinhas deste grupo ofereceram ramos de flores aos chefes Macedo do grupo 80, Moniz Silva do grupo 52, e ao caminheiro Fragueiro, que representava o C. N. E.. Ao chefe Moniz Silva, que representava naquele acampamento o Chefe Regional dos Açores, foi entregue um outro ramo destinado àquele dirigente superior.

O acampamento foi instalado no Monte Queimado, sobranceiro à linda cidade da Horta, sendo estabelecidos os três subcampos e designado pelos dirigentes presentes e escolhido o Chefe Moniz Silva para dirigente de campo, iniciando-se imediatamente as actividades.

À tardinha desse dia, realizou-se no campo do "Sporting" um encontro de hóquei em patins entre uma equipa do Grupo 80 e outra improvisada com elementos do 52, que terminou com o resultado de 9 a 3 a favor da primeira.

Foram ainda disputados dois encontros de futebol de salão, em que a equipa do 52 venceu a do 80 por 1 a 0 e empatou com outra de estudantes a zero bolas, actividades desportivas que decorreram num bom ambiente de cordialidade e camaradagem. Novamente as madrinhas do 45 foram gentis dedicando a todos os escoteiros uma muito agradável festa íntima.

* * *

No dia 15, às primeiras horas da manhã, os escoteiros assistiram a uma missa celebrada na igreja de S. Francisco depois do que, com a formatura de todos os escoteiros acampados, foram içadas no acampamento a bandeira nacional e as bandeiras dos grupos representados.

Esse dia foi ocupado em visitas aos locais mais pitorescos da ilha, sendo o acampamento muito visitado nessa tarde. O Fogo de Conselho, que nessa noite se realizou, esteve muito animado, sendo dirigido pelo chefe Moniz Silva e tendo como Guardas do Fogo o Guia do Grupo 52, J. Ávila e o Chefe Macedo do 80.

Além do programa próprio do fogo do conselho, o chefe Moniz Silva discursou para agradecer a valiosa cooperação do dedicado Chefe Regional sr. Virgílio Lory, do chefe do 45, a dedicada cooperação das madrinhas do mesmo grupo, e louvou a camaradagem verificada entre todos os escoteiros acampados. Teve também palavras de saudação para a assistência numerosa.

Discursaram os chefes dos contingentes e ainda a menina Leovegilda Couto que, em nome das madrinhas dos escoteiros do 45, saudou os escoteiros.

O Chefe Moniz Silva a todos agradeceu, declarando encerrado o Fogo de Conselho do 1.º Acampamento Regional dos Açores, depois do que foi entoado por todos o Hino Nacional.

* * *

A chuva, que havia ameaçado vir na noite anterior, caiu copiosamente na manhã de terça-feira. O canal entre as ilhas do Faial e do Pico apresentava um aspecto desolador. Dir-se-ia que os elementos porfiavam em demonstrar o seu desgosto por ver partir tão cedo da Ilha Azul os escoteiros dos distritos irmãos. Porém, mais tarde o tempo melhorou, foi levantado o acampamento e os contingentes dos grupos 52 e 80 partiram para o cais, onde de novo embarcaram no iate «Santo Amaro» rumo às suas terras, tendo uma afectuosa despedida da parte dos escoteiros e amigos da Horta.

Segundo votos já expressos, espera-se que a segunda concentração regional se realize no verão de 1956 na Ilha Terceira.

●

Grupo 52 — Angra do Heroísmo

Durante o verão, os escoteiros deste grupo realizaram diversas actividades de campo, tendo visitado os pontos mais pitorescos da ilha Terceira. Também a Patrulha "Galo" acampou no Monte Brasil de 1 a 3 de Julho, tendo recebido no dia 2 a visita do Chefe Moniz Silva, bem como a do Guia Borba, da divisão de Caminheiros e da Patrulha «Andorinha».

●

Acampamento de Escoteiros Americanos no Monte Brasil

Acamparam no Monte Brasil, nos dias 23 e 24 de Julho, 38 escoteiros da 1.ª divisão do estacionamento Americano da Base Aérea 4, nas Lajes.

O acampamento foi dirigido pelos Master Sergeants Bodenman, Pfingsten e Witzell, respectivamente chefe e ajudantes de chefe de alcateia, coadjuvadas por oito membros da direcção do grupo e pais dos escoteiros.

O Chefe Moniz Silva foi convidado a acampar e no domingo conduziu os seus camaradas americanos num passeio pelo Monte Brasil e pela histórica fortaleza de S. João Baptista, onde explicou pormenorizadamente os interessantes factos relacionados com o Castelo, desde a sua construção pelos Castelhanos, durante a dominação filipina.

Antes da chegada dos campistas, foram voluntàriamente preparar o local do acampamento, o Caminheiro L. Tavares e o Aspirante M. Martins do Grupo 52, que mais tarde auxiliaram também a armar o acampamento e acamparam com os seus irmãos americanos.

De manhã, o sr. Major Hoff, o Chefe do 52 e vários escoteiros americanos e portugueses assistiram à Missa na Catedral de Angra, enquanto os restantes celebraram um culto evangélico no acampamento.—C

* ● *

Ora faça o favor de rir...

SANGUE REAL

«Hurrah!» — gritou o mosquito ao dar uma valente ferroada no rei — «já corre sangue real nas minhas veias...».

RESPOSTA DE CICERONE

Turista: — Já nasceu nesta cidade algum grande homem?

Cicerone distraído: — Por enquanto só têm nascido bebés.

DESCULPA ACERTADA

Professor: — És um porcalhão, nunca lavas a boca. Ainda posso ver o que comeste hoje ao almoço.

Aluno: — Então que foi?

Professor: — Comeste ovos.

Aluno: — É mentira. Isso foi ontem ao jantar.

ESTÁ EXPLICADO

Ele: — Quando me sentei ao piano para começar a tocar, eles riram-se.

Ela: — Porquê?

Ele: — Não estava lá a cadeira...

JUSTA HOMENAGEM

A jovem heroína da Marinha Grande

No mês de Setembro passado, os Bombeiros Portugueses levaram à Marinha Grande uma medalha para galardoar um gesto heróico de uma modesta rapariga daquela Vila que, abnegadamente, indiferente às dores e ao sofrimento próprio, arrancou às chamas duas crianças que estavam prestes a ser devoradas pelo fogo provocado pela explosão de um fogareiro de petróleo, ficando, para isso, ela própria transformada num facho humano. A custo se salvou de tão graves ferimentos a Maria do Rosário—é este o nome da heroína—mas o seu corpo ficou terrìvelmente marcado, a sua mão direita não tem movimentos, o seu rosto, outrora belo, estaria horrìvelmente feio se não tivesse a beleza superior da Bondade. Pior ainda, porém, é que a sua própria vista corre perigo. Todo este sofrimento foi o alto preço por que esta jovem pagou a vida das duas criancinhas que salvou, facto que não pode deixar de comover todos os corações bem formados.

A heroína necessita de ser submetida a uma operação de cirurgia plástica e o «Diário de Lisboa», numa atitude simpática, levantou uma campanha a favor da pobre rapariga, que não tem recursos. Por intermédio deste grande diário, a Maria do Rosário tem já uma equipa de médicos que se ofereceram para a tratar e os leitores daquele jornal têm concorrido generosamente com donativos bem merecidos para cobrir as despesas de deslocação e estadia na capital para tratamento.

Para além do seu aspecto altruísta, o gesto do «Diário de Lisboa» é digno do maior louvor. Numa época em que tanto se incensa a banalidade, em que a mocidade corre atrás de ídolos sem valor moral, quando o egoísmo sórdido campeia, sabe bem ver um grande jornal abrir as suas colunas para prestar uma justa homenagem a uma rapariga simples que soube ser grande de alma.

Os Escoteiros—e particularmente as Guias de Portugal—têm uma dívida de gratidão para com esta rapariga portuguesa que tão bem soube encarnar o ideal escoteiro de amor pelo próximo em todas as circunstâncias. Maria do Rosário bem merece o título honorário de Guia de Portugal, porque ela foi capaz de servir e socorrer o seu próximo nas piores circunstâncias e com sacrifício da própria vida.

SAUDADE

Era uma pequena praia que Deus alí pusera para eu brincar. De cada lado dela havía dois imensos montões de enormes rochas que quase pareciam toçar o céu. Diziam os velhos do lugarejo que, quando a noite caía, havia colóquios fantásticos entre as ondas e a areia fina, que parecia ter sido moída num moinho maravilhoso.

Logo pela manhã, mal o sol se começava a espreguiçar, eu vinha correr e brincar sòzinho para essa praia dourada pelo sol. Num ímpeto, trepava pelas rochas agrestes até chegar ao topo e, depois lá em cima, os cabelos ao vento, olhava longamente para o horizonte que parecía embrulhado em papel azul. A minha imaginação fazia-me ver corsários de espadas vingadoras e navios tremendos a vomitar metralha, corcéis gigantescos agitando o céu em corridas fantásticas de loucura e de audácia. O meu cérebro, povoado de aventuras, atirava assim para o espaço novelas sucessivas de que eu era o herói. Ao pedaço de rocha onde eu meditava assim horas e horas, nada mais chegava a não ser o ciciar das ondas ao tocarem a areia, manso, muito manso...

Mas a praia era bela só para mim... Os outros não compreendiam a importância que teria para um garoto uma nesga de areia entalada entre grandes pedras cheias de caranguejos. E um dia, quando a vida mudou, eu parti, os olhos rasos de água, quase não podendo voltar.

Os anos passaram e eu caminhei, encontrei amigos, inimigos, namoradas, cresci... Há dias, voltei à praia dos meus sonhos: lá estava o mar sussurrando doce, muito doce, contente por me ver voltar. E, num ímpeto, como outrora, subi a vertente rochosa e agreste até alcançar com os pés o lugar maravilhoso onde eu tanto sonhara olhando o mar sem fim.

Tudo estava igual: as ondas, o sol e o horizonte embrulhado em papel azul. No entanto, quando olhei para mim, encafuado num fato do último modelo segundo os preconceitos da cidade distante, quedei envergonhado e triste por não ser já o garoto de pequenos calções que eu fora há tanto tempo.

Olhei a penedia e fitei uma vez derradeira o cenário da minha infância. E quase sem querer, chorei...

JORGE ADOLFO CIERCO

• • o • •

Pode chegar o momento em que vidas humanas dependam de um nó bem ou mal feito.—B.-P.

Tal como no «Crime de Elsdon»

Um rapaz descobriu um criminoso pelas suas pegadas

Baden-Powell tornou célebre, pela narrativa feita no livro «Escotismo para Rapazes», a façanha de um rapaz do Norte de Inglaterra, que descobriu um assassino pelas pegadas deixadas no local do crime, ilustração que tem servido para demonstrar o valor do espírito de observação.

Pois bem, os escoteiros portugueses têm agora um facto idêntico passado em Vendas Novas. Não só naquela Vila, como noutras localidades da região, vinham sendo praticados roubos com muita frequência, tendo sido assaltada a estação dos Correios, a estação de serviço «Shell», um estabelecimento no Montijo onde foi morto um cão de guarda, uma fábrica de Cuba e muitos outros locais.

Na estação de serviço «Shell» foram encontrados vestígios de pisos de borracha, que puderam ser observados por um rapaz de nome Luciano Freire. Este, que bem podia ser escoteiro em face do seu espírito de observação, encontrou há dias numa taberna da vila um homem cujas solas dos sapatos correspondiam às pegadas que tinha observado. Confiou as suas suspeitas a um companheiro e correram ambos a participar a sua descoberta ao posto da Guarda Republicana, que em breve deitava a mão ao assaltante, ficando a região liberta de um temível gatuno.

Quantos escoteiros teriam sido capazes de fazer a mesma descoberta? É preciso, porém, que cada escoteiro se treine nesta habilidade, que pode prestar serviços relevantes à comunidade onde vivemos.

Entretanto, este rapaz de Vendas Novas bem merecia uma medalha dos Escoteiros. Aqui deixamos esta nossa sugestão, na certeza de que este prémio dos Escoteiros de Portugal seria, certamente, uma recompensa bem merecida pelo Luciano Freire, de Vendas Novas.

• • o • •

DAVID M. DE BARROS

Este nosso bom amigo, representante do «Sempre Pronto» no Rio de Janeiro e prestigioso dirigente escoteiro no Brasil, deu novamente entrada no Hospital da Beneficência Portuguesa em virtude de um ataque de uremia. Segundo notícias recebidas, embora o nosso compatriota se encontre ainda de cama, tem já conquistado esperançosas melhoras. Desejamos sinceramente que elas se acentuem até um completo restabelecimento, para que possa continuar a sua tão apreciada actividade escotista.

PELOS GRUPOS

Grupo Pedro Álvares Cabral — Lisboa

No Domingo, dia 23 do corrente, pelas 15 horas, realiza-se na Igreja Evangélica da Rua de Febo Moniz, um serviço religioso durante o qual prestarão Compromisso de Honra quatro novos escoteiros e a chefe da Alcateia sr.ª D. Susana de Brito.

Durante o mesmo serviço será feita a entrega da bandeira do Grupo, oferta do seu tesoureiro sr. Feliciano Negreiros.

Após o serviço religioso, na sede do Grupo será inaugurada a Alcateia e prestarão promessa os novos lobitos.

Na segunda-feira, às 9 horas da noite, também na sede, haverá uma sessão de cinema cultural e escotista com filmes cedidos pela Embaixada dos Estados Unidos da América.

Grupo n.º 84

Este grupo prossegue nas comemorações das suas Bodas de Prata, desenvolvendo uma actividade intensa e interessante.

No dia 29 de Agosto, um estafeta de exploração passou por Torres Novas e Riachos, assinalando locais para acampamentos, seguindo várias pistas, tendo percorrido cerca de 30 quilómetros.

Nos dias 1 e 2 de Setembro, o «84» acampou na Praia do Ribatejo, na Quinta da Foz, um local esplêndido para o fim. O grupo utilizou, para transpor o rio, um barco que gentilmente foi posto à sua disposição.

Nos dias 10 e 11 de Setembro, o Grupo esteve novamente acampado próximo de Riachos, num local denominado "Barreta". Foi um excelente acampamento, que pôs à prova a resistência da rapaziada numa extensa marcha, percorrendo entre 10 a 15 quilómetros a pé, transportando todo o material individual e do Grupo. — C.

• • o • •

Culinária Campista

Couve-flor em molho branco— Ata-se a couve-flor com uma linha para se não desmanchar durante a cozedura, que é feita em água com um pouco de sal. Depois de cozida, tira-se a linha e rega-se a couve com o molho, que se faz, fervendo um pouco de farinha desfeita em água com pouco sal, ou em leite, durante cerca de 15 minutos, A este molho, ao retirar-se do lume, é-lhe adicionado uma boa porção de manteiga.

• • o • •

Encerramento dos Cursos de D. C. T. dos Escoteiros de Portugal

No dia 13 do corrente, pelas 21.30 horas, realizar-se-á na sede da A. E. P. uma sessão para encerramento dos cursos de D. C. T. que se efectuaram este ano destinados a escoteiros, durante a qual serão entregues diplomas aos escoteiros aprovados e exibidos filmes educativos e culturais, bem como documentários.

Ao acto assistirão dirigentes escotistas e da D. C. T.

• • o • •

No estudo da natureza descobrireis quanto Deus encheu este mundo de coisas belas e admiráveis para nossa felicidade.—B.-P.

CENSO MUNDIAL DO ESCOTISMO DO ANO DE 1954

	Chefes	Auxiliares	Caminheiros	Escoteiros	Marítimos	Lobitos	TOTAL 1954	TOTAL 1952
Argentina	246	4.395	150	5.000	200	300	10.291	5.000
Arménia (Escoteiros de)	120	152	150	1.455	—	320	2.197	2.020
Austrália	6.385	—	1.727	35.263	2.023	33.233	78.631	—
Áustria	1.077	291	1.205	6.354	—	2.205	11.132	9.916
Alemanha	4.940	—	13.000	63.250	160	14.100	95.450	84.960
Estados Unidos da América	444.694	550.066	—	1.522.781	20.791	1.235.683	3.774.015	3.183.266
Bélgica	6.616	—	3.015	18.858	620	14.956	44.065	51.072
Bolívia	—	—	245	639	—	310	1.194	500
Brasil	543	585	676	7.172	963	1.785	11.724	8.000
Birmânia	—	—	—	4.637	—	—	4.637 x	4.637
Canadá	16.449	—	2.891	56.283	1.128	97.935	174.686	146.089
Ceilão	693	295	615	5.323	139	1.649	8.714	8.922
Chile	322	—	797	13.238	—	965	15.322	28.074
China (Formosa)	445	—	—	6.317	60	—	6.822	3.919
Colômbia	—	—	—	500	—	—	500 x	500
Costa Rica	—	—	—	527	—	—	527 x	527
Cuba	352	745	52	3.399	—	1.498	6.046	3.850
Dinamarca	4.637	—	1.361	16.804	—	15.112	37.914	36.912
Dominicana, República	—	—	—	1.200	—	—	1.200 v	300
Egipto	—	—	—	12.000	—	—	12.000 v	8.000
Finlândia	1.589	1.652	978	11.659	953	5.310	22.141	19.646
França	14.589	1.124	10.301	66.926	1.192	53.752	147.884	175.095
Grã-Bretanha (Império Britânico)	50.351	3.656	13.773	343.320	—	219.965	631.065	702.762 z
Grécia	3.515	2.212	858	20.481	3.141	9.964	40.171	38.300
Guatemala	71	83	38	565	—	196	953	958
Haiti	—	—	—	1.200	—	—	1.200	707
Islândia	105	48	234	994	—	210	1.591	1.455
Índia	—	—	—	438.689	—	—	438.689 v	369.714
Indonésia	6.141	1.294	5.217	33.682	893	9.734	56.961	—
Irlanda	222	40	99	697	51	773	1.882	1.656
Israel	—	—	—	4.700	—	—	4.700 v	6.350
Itália	2.609	1.507	4.967	16.542	181	6.582	32.388	32.694
Japão	1.197	3.341	6	10.920	—	877	16.351	24.062
Coreia	498	987	—	5.086	—	181	6.752	6.605
Líbano	—	—	—	2.490	—	—	2.490 x	2.490
Liechtenstein	32	—	25	131	—	75	263	269
Luxemburgo	373	65	347	2.362	—	651	3.798	3.896
México	472	266	457	2.672	—	2.136	6.003	3.891
Holanda	8.287	3.740	4.455	27.366	2.008	32.638	78.494	80.878
Nova Zelândia	1.944	5.878	360	10.442	824	10.563	30.011	—
Nicarágua	30	—	40	515	—	70	655	970
Noruega	2.210	—	596	15.143	—	3.456	21.405	22.728
Paquistão	5.259	11	1.960	83.745	32	56.661	147.668	110.608
Panamá	—	—	—	373	—	—	373 x	373
Peru	26	86	52	654	—	143	961	1.018
Filipinas	24.338	—	1.100	86.059	1.255	21.622	134.374	128.565
PORTUGAL (A. E. P.)	61	—	187	302	43	82	675	1.307
(C. N. E.)	664	172	891	1.526	24	1.509	4.786	3.985
Salvador	25	50	60	500	—	300	935	716
África do Sul	2.029	—	722	15.807	611	10.130	29.299	35.802
Suécia	7.426	—	4.008	23.702	1.738	15.554	52.428	51.110
Suíça	3.480	—	3.558	15.307	—	10.175	32.520	30.859
Síria	—	—	—	10.100	—	—	10.100	10.100
Tailândia	2.465	1.529	—	54.755	—	—	58.749	76.653
Turquia	1.857	—	—	14.654	—	24.560	41.071	25.656
Uruguai	10	—	—	158	—	28	196	1.000
Venezuela	252	256	378	2.002	35	742	3.665	4.208
Grupo das Nações Unidas	3	3	—	19	—	23	48	43
	629.649	584.529	81.551	3.107.255	39.065	1.918.713	6.360.762	5.561.993

x *Números de 1952.*
v *Não foram recebidos números discriminativos.*
z *Inclui Austrália e Nova Zelândia, agora registadas separadamente.*

EXCURSÃO A PARIS

Conforme já informámos os nossos leitores, projectamos realizar no verão do próximo ano, possivelmente em Setembro, a excursão a Paris que não pudemos realizar neste verão passado.

O preço será possivelmente o mesmo de Esc.—2.000$00, viagem, hospedagem e comida, visitas a museus e a monumentos, visita a Versalhes, uma ida ao teatro, passeio no Sena e subida à Torre Eifel. Trata-se de uma oportunidade magnífica oferecida aos nossos assinantes e aos escoteiros e guias (escoteiras).

Para que esta excursão se possa realizar é indispensável que todos os interessados se nos dirijam ainda este mês.



TOPOGRAFIA

O escoteiro deve estar pronto a poder, sempre que tal necessite, fazer um levantamento topográfico, embora sumário, a que geralmente se dá o nome de *croquis*.

Havendo no momento presente uma grande dificuldade em adquirir cartas do E. M. na escala de 20.000, dos arredores de Lisboa, aconselhamos aos escoteiros, que façam os seus *croquis*, que, aperfeiçoados e limpos, lhes servirão como as ditas cartas, e com duplicado valor, visto serem confeccionadas pelo próprio escoteiro.

Para se fazer um levantamento topográfico, bem entendido que não vamos usar Teodolitos, nem aparelhos caros, mas sim, pequenos instrumentos feitos pelos próprios escoteiros.

Para hoje aconselhamos um instrumento simples e baratíssimo, e que pouco material leva.

Duas réguas de madeira fina ou cartão e três alfinetes formam esse instrumento.

Espetam-se os alfinetes nos extremos das réguas e bem ao meio, de forma a ligá-las como se fossem um compasso.

Usamo-lo da forma seguinte:

No terreno coloca-se a prancheta com papel no local escolhido como 1.ª estação. Procuramos com o extremo da régua inferior visar um ponto de referência que nos sirva de 2.ª estação. Dirigida a alidade nesta direcção, procuramos com a alidade ou régua superior, visar através dos dois alfinetes todos os pontos que nos pareçam importantes para serem marcados no *croquis*.

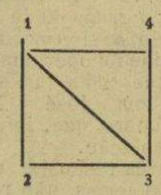
Em seguida medimos a distância que nos separa da 2.ª estação, tanto podendo ser a passo, como à vara, etc., e marcamos no desenho esta distância em escala. No segundo ponto ou estação visamos com a régua superior os pontos já visados anteriormente e formaremos no desenho uma série de triângulos que terão as suas bases e catetos na relação da distância medida entre os dois pontos escolhidos para a 1.ª e 2.ª estações.

Este processo não só é fácil e expedito, como rigoroso quando as medidas forem feitas com rigor.

Para melhor compreensão dos leitores menos versados em geometria, aqui damos algumas explicações sobre termos empregados.

Cateto. Se tivermos na nossa frente um quadrado e numerados os cantos de 1, 2, 3 e 4 e juntarmos o 1 com o 3 teremos um triângulo. em que 1 e 2 é um cateto e 2 e 3 outro cateto.

Hipotenusa. Se unirmos o canto 1 com o canto 3 a linha que une estes dois cantos chama-se Hipotenusa.



Triângulo equilátero. É aquele que tem os lados iguais.

Triângulo isósceles. O que tem dois lados iguais.

Triângulo escaleno. Aquele que tem os três lados desiguais.

Acampamento Regional do Norte

Com uma centena de rapazes, representando os grupos 4, 15, 41, 44 e 91, realizou-se um Acampamento Regional nos dias 10 e 11 do corrente, na Quinta de Campelos, em Vila Nova de Gaia. Com um interessante programa de campo, foram iniciados os trabalhos por volta das 22 horas do dia 10, sendo aceso o fogo do conselho às 23.15, cerimónia esta presenciada por muitos populares.

No dia seguinte, o campo foi visitado pelo sr. Comandante Coutinho Lanhoso, Delegado dos Serviços Centrais no Norte, bem como por grande número de pessoas e elementos do C. N. E.. O sr. Delegado dos Serviços Centrais afirmou que se encontrava muito satisfeito por tudo o que pôde contemplar e que se sentia orgulhoso por ver que possuía chefes à altura dos seus cargos e que, com chefes assim, o Movimento poderia progredir muito, progresso esse que é muito necessário para bem da A. E. P..



Um aspecto do Acampamento Regional do Norte

Os grupos desmontaram o Campo por volta das 19 horas e regressaram às suas sedes, depois de um belo dia de trabalho escotista.

As chefias de Campo, Protocolo e Serviços Religiosos estiveram a cargo, respectivamente, dos chefes António Pinto Moreira, Arnaldo Couto e Rev. Vidal dos Santos — C.

Se calhar não sabe que...

Vão haver locomotivas atómicas.

Dentro de alguns anos, os caminhos de ferro norte-americanos vão ser dotados com locomotivas atómicas. Segundo as declarações de James Mead, da Comissão do Comércio Federal Americano, estas locomotivas poderão percorrer os 4.800 Km. entre as duas costas dos Estados Unidos sem se reabastecerem de combustível.

Anunciou ainda que, mais tarde, estas locomotivas cederão o lugar a outras mais modernas que utilizarão a energia solar.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De viagem—O nosso bom amigo sr. Amílcar Fernandes, ex-chefe do grupo de Escoteiros n.º 81, partiu em meados de Setembro para França, acompanhado de sua Esposa e Filho, em viagem de turismo. Desejamos que tenha feito uma excelente viagem.

● Regressou da Bélgica, onde foi tomar parte no Campo-Escola de Le Fresnaye, a nosso estimada assinante sr.ª D. Maria Teresa Azevedo Pereira, chefe de Alcateia do Grupo n.º 8 do C. N. E., no Porto. A dedicada dirigente recebeu naquele Campo a «Insígnia de Madeira» de chefe de Lobitos.

De parabéns—O nosso dedicado assinante sr. António Alves Boaventura, antigo escoteiro do Grupo 94, e sua Esposa, encontram-se de parabéns pelo nascimento em 8 de Setembro passado do seu segundo filho, um simpático rapaz, futuro lobito do mesmo grupo, a quem apresentamos as nossas felicitações.

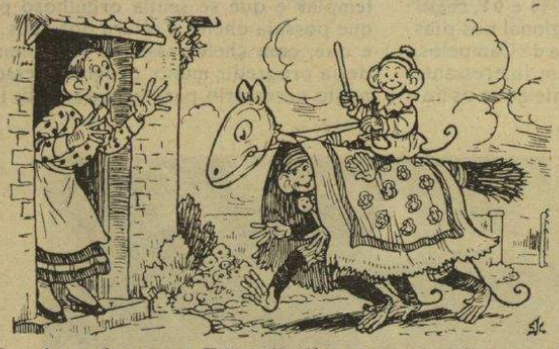
● Estão também de parabéns os nossos bons amigos de Barcelona, Antoni Serra i Garcia e sua Esposa Montserrat Jaques de Serra, pelo nascimento em 29 de Julho passado da sua gentil filhinha Marta-Carme Montserrat, a quem desejamos mil venturas.

Bodas de Ouro—O nosso bom amigo Rev. João Pacheco dos Santos e sua Esposa sr.ª D. Laura Reis Santos, festejaram recentemente nas Bermudas, onde residem, o 50.º aniversário do seu matrimónio, tendo reunido em sua volta muitos amigos que os felicitaram calorosamente. Na Igreja Evangélica Portuguesa daquela ilha realizou-se um serviço religioso comemorativo.

«Sempre Pronto» saúda o seu bom amigo em tão distantes paragens, mas que ainda recentemente nos visitou.

AVENTURAS DE FIFI

VI



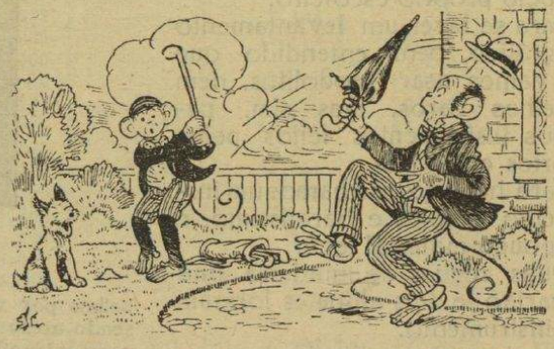
A cabeça do nosso Fifi é fértil em imaginação, mas é pena que ela não se manifeste em obras de utilidade. Desta vez, ocorreu-lhe fazer este estranho animal. *O certo é que não está mal arquitectado. Mas olhem como a mãe ficou assustada. Ainda por cima arrasta o primo e o irmãozinho para brincadeiras maldosas.*



Desta vez, mascarou-se de guerreiro armado. Como a senhora está aflita! O comerciante é capaz de pô-lo na rua. É bem feito, ele não tem juízo.



Parece uma ideia genial. Contudo, não aconselhamos que a aproveitem. Nem tudo o que luz é ouro.



Fifi foi jogar o golfe, mas até assim os acidentes continuam. Felizmente, a bolada foi no chapéu! Se era na cabeça?! Apesar disso, quem sabe o que acontecerá ao desastrado do nosso herói?

Um problema difícil

Como o Carlos tinha prometido, daí a dias a «Veado» estava toda reunida, pronta a ouvir o novo problema com que o Carlos tinha prometido pôr o João em embaraços.

Choviam os comentários. Uns diziam que, desta vez, o João não encontraria a solução, ao passo que outros tinham a opinião contrária.

Enfim, chegou o momento por todos anseado e o Carlos começou a dizer:

—Já tens ouvido falar no «Foguete», aquele combóio rápido que, duas vezes por dia, liga Lisboa ao Porto nos dois sentidos?

—Sim, já tenho ouvido. Mas o que tem isso com o problema?—perguntou o João, estranhando as primeiras palavras do seu camarada.

—Espera um pouco, que vais saber, redarguiu o Carlos.—Ora muito bem: esse combóio faz a viagem de Lisboa ao Porto em 4 horas, números redondos. Pois há alguns dias, saiu de Lisboa, aliás como habitualmente, às 14 horas. Até aqui nada de anormal. Mas o busílis está no seguinte: nesse mesmo dia, pelas 14 horas e 20 minutos, levantou do aeródromo das Pedras Rubras que, como sabes, é no Porto, um avião, o qual seguindo sempre o curso da linha férrea, voou à velocidade de 320 km. à hora, até encontrar o sobredito «Foguete». E o estranho é que, quando tal aconteceu, isto é, quando o avião se cruzou com o comboio, por motivos que não posso explicar, o piloto do avião fez uma rápida viragem e este voltou, sempre à mesma velocidade e continuando a seguir a linha férrea, ao seu ponto de partida. Ao chegar aí, virou para o sul e o voo prosseguiu até encontrar o «Foguete», voltando novamente para trás, e assim por diante nas suas idas e vindas até que o comboio chegou à estação, no Porto, eram evidentemente 18 horas.

—Muito bem,—volveu o João, fazendo-se forte, mas já um pouco perturbado com a complexidade do problema.—E que mais?

—Pois quero que me digas o seguinte: qual a distância percorrida pelo avião nas suas repetidas viagens, partindo do princípio de que a estação ferroviária do Porto, para simplificar o problema, está no mesmo local que o aeródromo das Pedras Rubras e que o avião manteve sempre a velocidade e nunca abandonou o percurso da linha férrea Lisboa-Porto que mede exactamente 350 km. e não desperdiçou tempo nem espaço nas diversas viragens que efectuou?

O problema deixou todos atrapalhados e o João mais do que qualquer outro. Conseguirá ele achar a resolução? Temos a impressão de que ele se vai ver sèriamente embaraçado, a não ser que os nossos estimados leitores o venham auxiliar nesta dificuldade. Aqueles que acertarem na solução, receberão uma pequena lembrança do «Sempre Pronto».

* * *

Depois de estar pronto a sair o nosso último número, recebemos várias respostas ao problema publicado em Agosto.

O escoteiro José Manuel de Jesus Fernandes, do grupo 60 de Vila Real de Santo António, enviou-nos a resposta certa, pelo que lhe foi oportunamente enviado o prémio a que tinha jus. O mesmo não aconteceu com José Cordeiro Teixeira, de Coimbra, que, infelizmente, não acertou na solução.

Outras três respostas, apesar de duas delas estarem certas, não receberam prémio, em virtude de nos terem sido enviadas muito depois de ter saído o número de Setembro. Embora, como escoteiros, creiamos na boa fé destes nossos estimados leitores, por princípio **só têm direito ao prémio as respostas certas enviadas durante o mês a que diz respeito o número do «Sempre Pronto» que publica o problema.** Que nos desculpem o Vítor Venâncio, do grupo 6 de Olhão, e o João Margarido da Cruz Pinto dos Reis, de Vila Nova de Gaia, que acertaram na solução, e ainda o escoteiro Albertino Nunes Gabriel, também do «6» de Olhão, que por sinal não acertou na resposta.

Explicação necessária

Os nossos leitores poderão justificadamente estranhar que, por vezes, a imprensa diária tenha publicado notícias de actividades escotistas de pretendido relevo, que não têm depois qualquer eco nas colunas de «Sempre Pronto».

Devemos esclarecer que damos guarida nestas colunas a todas as actividades escotistas de carácter importante e procuramos trazer os nossos leitores bem informados de tudo o que ao Escotismo se refere. Porém, não têm aqui lugar, pelo muito respeito que nos merecem os nossos leitores, fantasias de propaganda ou devaneios de qualquer dirigente desejoso de se evidenciar, mostrando grandes realizações.

Fazemos sempre a diligência de que tudo o que se publique nestas colunas corresponda, tanto quanto possível, à verdade dos factos.

Feita esta explicação, que nos pareceu indispensável, não haverá portanto lugar para qualquer estranheza pelo motivo apontado.

225